



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ROMÂNICAS**

**ESTUDO DESCRITIVO-COMPARATIVO DA PREFIXAÇÃO NO PORTUGUÊS, NO
GALEGO E NO CASTELHANO ARCAICOS (SÉCULOS XII-XVI):
ASPECTOS MORFOLEXICAIS, SEMÂNTICOS E ETIMOLÓGICOS**

MAILSON DOS SANTOS LOPES

Salvador
2013

MAILSON DOS SANTOS LOPES

**ESTUDO DESCRITIVO-COMPARATIVO DA PREFIXAÇÃO NO PORTUGUÊS, NO
GALEGO E NO CASTELHANO ARCAICOS (SÉCULOS XII-XVI):
ASPECTOS MORFOLEXICAIS, SEMÂNTICOS E ETIMOLÓGICOS**

Projeto de pesquisa apresentado e submetido ao crivo da
Egrégia Congregação do Instituto de Letras da
Universidade Federal da Bahia.

Salvador
2013

RESUMO

O projeto de pesquisa que se almeja desenvolver consiste em uma proposta de descrição interpretativa da formação de palavras via prefixação no português, no galego e no castelhano arcaicos, incidindo sobre um *corpus* significativo de documentos (jurídico-notariais e literários, de natureza tipológica variada) escritos nesses três idiomas no arco temporal relativo ao medievo. A partir da descrição e análise do paradigma prefixal dessas três línguas novilatinas ibéricas, e tomando como lastro teórico-epistemológico as premissas fundamentais da área da linguística românica comparada, da morfologia histórica e da morfologia construcional, pretende-se chegar a estabelecer escólios comparativos entre a configuração desses três sistemas linguísticos no período medieval, no âmbito da morfologia léxica derivativa. Este estudo tem como objetivo precípua fornecer alguma contribuição para as investigações de morfologia histórico-comparativa, ao abordar o fenômeno da formação de palavras via prefixação em registros escritos remanescentes da produção primitiva em português, em galego e em castelhano (séculos XII a XVI). Com base em diversos estudos, da pena de autores nacionais ou de outros países, pretende-se realizar uma ampla revisão da literatura e da fundamentação teórica existentes que incidam sobre algumas questões centrais da morfologia ou que a ela sejam pertinentes: os conceitos de palavra, de morfema e de formação de palavras; a fronteira entre derivação e composição; os tipos de elementos afixais da margem esquerda do vocábulo (prefixos, prefixoides ou pseudoprefixos); a fronteira entre sincronia e diacronia e suas implicações para o estudo morfológico; a prefixação na língua latina e sua influência na constituição do arcabouço léxico-morfológico do vernáculo (castelhano, galego ou português). Afora isso, e sob uma perspectiva histórico-descritiva, pretende-se analisar o estatuto semântico-morfolexical dos vocábulos prefixados coletados em edições fidedignas de 405 textos medievais a serem perscrutados, bem como tecer reflexões sobre a produtividade e a vitalidade dos prefixos encontrados e algumas considerações sobre sua etimologia. Fenômenos morfossemânticos como a polissemia, o homomorfismo, o sinmorfismo e o antinomorfismo também serão observados e sistematicamente descritos. Buscar-se-á também analisar operações léxicas ou mórficas atinentes a este tipo de derivação afixal, como a parassíntese (*lato* ou *stricto sensu*), a superposição prefixal, a substituição de prefixos no decorrer do eixo temporal e a alomorfia e alografia ativadas nas operações genolexicais constituídas por esses elementos mórficos da margem esquerda do vocábulo. A análise individual de cada prefixo, em bases léxicas distintas, subsidiada pelos milhares de vocábulos complexos advindos de inúmeras operações prefixais depreendidas dos textos a serem consultados, serão reproduzidas em um *Morfemário*, que constituirá o cerne empírico do estudo, pois a partir dele será possível estabelecer o paradigma prefixal das línguas portuguesa, galega e castelhana em sua configuração medieval. Será delineada, quando possível, uma correlação histórico-linguística geral entre os usos prefixais e suas características em três momentos distintos da história da língua: o prefixo no latim ou no grego, sua forma correspondente no vernáculo arcaico e seu uso no período hodierno. Serão ainda sistematizados em tabelas os vocábulos cuja datação mais antiga for atestada pela pesquisa, bem como os casos de palavras que se arcaizaram e foram substituídas na história da língua. Pensa-se que uma descrição histórica da prefixação, alicerçada nos primórdios da expressão escrita em três idiomas românicos peninsulares, além de oferecer dados importantes para o estudo linguístico diacrônico, poderá prestar-se ao esclarecimento de fenômenos tidos como abstrusos quando observados sob a luz de uma análise puramente sincrônica.

Palavras-chave: Prefixação. Partículas afixais da margem esquerda do vocábulo. Espanhol Arcaico. Português Arcaico. Galego Arcaico. Semântica Morfolexical. Processos Parassinteticogênicos. Etimologia. Morfologia Histórica. Morfologia Construcional.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	PROBLEMA E HIPÓTESE	9
2.1	PROBLEMA	9
2.2	QUESTÕES NORTEADORAS	9
3	JUSTIFICATIVA	10
4	OBJETIVOS	13
5	LASTRO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICO	14
6	METODOLOGIA	18
7	CRONOGRAMA	23
	REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

Associando-se à tradição epistemológica de cunho histórico-diacrônico desenvolvida há duas décadas pelo *Programa para a História da Língua Portuguesa* (PROHPOR), e integrando-se à linha de pesquisa *Constituição Histórica da Língua Portuguesa e das demais Línguas Românicas* (vinculada ao PPGLinC) — que se debruça sobre o estudo das línguas novilatinas desde suas origens até a sua configuração hodierna —, visa-se a esboçar nestas laudas um plano de trabalho científico sexenal (2014-2019) que, dando continuidade e dilatada ampliação ao estudo de mestrado desenvolvido por Lopes (2013), possa oferecer alguma contribuição às investigações morfológicas e genolexicais das línguas portuguesa, galega e espanhola, através de uma perspectiva descritivo-comparativa. Destarte, sob um viés histórico-interpretativo — nos termos e concepções de Mattos e Silva (1998), Maia (2002) e Borba (1991) —, perscrutar-se-á a formação de palavras via prefixação nesses três sistemas linguísticos, tendo como lastro empírico um *corpus* heterogêneo significativo de documentos escritos nessas três línguas no arco temporal relativo ao medievo.

O supramencionado estudo de mestrado¹, concernente à prefixação na primeira fase do português arcaico (séculos XII-XIV), incidindo sobre 92 documentos remanescentes dessa sincronia pretérita do vernáculo², logrou reconstruir o mais fidedigna e sistematicamente possível o paradigma prefixal desse sistema idiomático em sua feição medieval. Foram analisados individual e paradigmaticamente 32 elementos afixais da margem esquerda do vocábulo³ (com seus respectivos alomorfes e alógrafos), inseridos em 526 bases léxicas distintas, identificados em 1.936 vocábulos complexos (excluindo-se as flexões e repetições em um mesmo texto). Os principais aspectos caracterizadores desse estudo foram: (i) uma ampla revisão crítica da literatura geral e específica referente à temática da pesquisa; (ii) o processamento de diversas reflexões conceituais, com novas propostas definitórias e terminológicas; (iii) a consideração constante do valor heurístico dos dados (empíria); (iv) um recurso contínuo ao sistema intralinguístico do latim e ao percurso diacrônico dos itens afixais e dos vocábulos derivados; (v) a adoção e o desenvolvimento de uma visão gradiente dos níveis e categorias linguísticos (*continuum*), sobretudo os léxico-morfológicos.

¹Orientado pela Prof^ª. Dr^ª. Juliana Soledade Barbosa Coelho e coorientado pela Prof^ª. Dr^ª. Aurelina Ariadne Domingues Almeida.

²Com um cômputo total de 10.425 linhas perscrutadas nesses documentos.

³25 prefixos propriamente ditos: *a-*₁, *abs-*, *al-*₂, *an-*₁, *ante-*, *apo-*, *arce-*, *circũ-*, *com-*, *de-*₁, *des-*₂, *en-*₂, *entre-*, *es-*₂, *in-*₂, *ob-*, *per-*₁, *pos-*, *pre-*₂, *pro-*, *re-*, *sobre-*, *sub-*, *tra-*₁ e *tra-*₂; 04 prefixoides (semiprefixos): *bem-*, *contra-*₁, *mal-*₁ e *nã-*; 06 antepositivos prefixais com comportamento de verdadeiras bases léxicas (MLBs): *contra-*₂, *entr-*₁, *entr-*₂, *estr-*, *infer-*, *mal-*₂.

Os principais resultados da supracitada pesquisa, registrados na dissertação de mestrado⁴, foram os seguintes:

- (i) a observação de que os vocábulos prefixados encontrados eram, em sua maioria, formações herdadas do sistema lexicogênico latino, com uma bem menos expressiva vitalidade de formações estritamente vernáculas;
- (ii) a detecção de um cômputo considerável de formantes prefixais expletivos (15,3%) ou com sentido opaco (58,13%);
- (iii) a constatação da quase nula participação de elementos afixais gregos nas derivações registradas;
- (iv) a comprovação de uma reduzida atuação do esquema morfológico da parassíntese *stricto sensu* na sincronia enfocada;
- (v) a descrição esquemática e minuciosa do paradigma prefixal da primeira fase do português arcaico, considerado restrito quando comparado ao hodierno, já que contava com apenas 32 elementos;
- (vi) o estudo dos fenômenos morfossemânticos incidentes sobre a prefixação, como a polissemia, o homomorfismo, o sinmorfismo e o antinomorfismo;
- (vii) a sistematização de todos os alógrafos e alomorfes registrados no *corpus* documental perscrutado;
- (viii) o rastreamento da carga semântica dos elementos prefixais, bem como de sua produtividade e vitalidade;
- (ix) o elenco esquemático de todos os casos de superposição prefixal e de substituição de prefixos;
- (x) a detecção do mais antigo uso já apontado para a partícula *não-* sob a forma de elemento prefixal, em três ocorrências distintas em textos do séc. XIV: *nō digno* (VSMA), *nō mortal* (FS), *nō mouil* (FR);
- (xi) a elaboração de uma listagem exaustiva dos vocábulos cujo emprego mais antigo foi atestado pela pesquisa, propiciando contribuições ao labor etimológico;
- (xii) um arrolamento exaustivo dos vocábulos do português arcaico que se arcaizaram ao longo da história da língua e foram substituídos por novas formas.

⁴Aprovada com distinção pela banca avaliadora e recomendada para publicação.

O projeto individual de pesquisa que ora é apresentado ao crivo da Egrégia Congregação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia vem associado a um propósito de desenvolver uma investigação científica sobre três idiomas românicos ibéricos que obtenha resultados e contribuições relevantes para o estudo da morfologia histórico-comparativa. Além de estar associado ao PROHPOR e a uma das mais profícuas linhas de pesquisa do PPGLinC, o plano investigativo que se almeja instituir igualmente estará agregado a um projeto coletivo de maior envergadura, que também será desenvolvido, a partir do próximo ano, no âmbito do Instituto de Letras da UFBA, sob a coordenação da Prof^ª. Dr^ª. Juliana Soledade Barbosa Coelho: *Estudos léxico-semânticos do português arcaico: origem, constituição e funcionamento*⁵, cujo escopo primevo é a elaboração de uma gramática do léxico do português medieval; dentro desse projeto, já se tem em perspectiva a realização do *Mapeamento exaustivo da morfologia derivacional e composicional em duas crônicas medievais portuguesas (séculos XIV-XV)*⁶, com o principal intuito de produzir um livro coletivo que contenha uma descrição e uma análise totalizantes dos elementos e processos morfolexicais detectados na *Crônica de D. Pedro* (de Fernão Lopes) e na *Crônica de D. Pedro de Menezes* (de Gomes Eanes Zurara).

A prefixação, em linhas gerais, pode ser concebida como a adjunção de um elemento mórfico formativo a uma base, sempre em posição anterior a ela, tal como o próprio termo explicita. Situa-se, para a maioria de estudiosos da área, no rol dos fenômenos derivativos, ainda que, para alguns, trate-se de uma formação compositiva. Os prefixos também são denominados *morfemas lexicais subsidiários*, por fornecerem uma informação semântica complementar ao núcleo mórfico das formas livres a que se coadunam. Para Soledade (2004), são formas presas aditivas que podem ser rotuladas como *morfemas léxico-gramaticais*, pois comportam, algumas vezes, uma função gramatical aliada a uma função lexical. O conteúdo significativo (carga semântica extralinguística) de tais morfemas pode apresentar-se mais ou menos explícito (e algumas vezes opaco ou assemantizado), tendo os prefixos a competência, em alguns poucos casos, de definir a inserção do novo vocábulo derivado em uma determinada classe morfossintática.

⁵Pesquisadores participantes: Alba Valéria Tinoco Alves e Silva, Antonia Vieira dos Santos, Aurelina Ariadne Domingues Almeida, Elisângela Santana dos Santos, José Amarante Santos Sobrinho, Juliana Soledade Barbosa Coelho, Mailson dos Santos Lopes e Sônia Bastos Borba Costa. Além desses professores pesquisadores, o projeto conta ainda com a colaboração das Professoras Doutoras Graça Maria Rio-Torto (Universidade de Coimbra) e Margarida Basílio (PUC-RJ), que se dispuseram a atuar como consultoras dos trabalhos desenvolvidos no âmbito desse projeto coletivo.

⁶Pesquisadores participantes: Antonia Vieira dos Santos, Juliana Soledade Barbosa Coelho e Mailson dos Santos Lopes, juntamente com os estudantes Fernanda Oliveira Silva, Laína Brito Andrade, Maísa Carla dos Santos Costa e Nival Almeida Simões Neto.

A formação de palavras via prefixação é um fenômeno multifacético e complexo, que inclui em suas operações formantes (ou partículas) prefixais que podem ser de distinta natureza, dado o seu grau de prototipicidade relativa a um *continuum* mórfico em cujos extremos figuram o que é mais prototipicamente compositivo e o que é mais prototipicamente derivativo, envolvendo, é claro, uma caracterização [+ lexical] ou [+ gramatical]. Interpreta-se como mais prototípicos os prefixos dotados de carga semântica expressiva (mas subsidiária) que são exclusivamente formas presas, dotados da propriedade de constituição de paradigmas morfolexicais (formações em série, o que se associa à recorrência e à produtividade e vitalidade)⁷ e que não se enquadram como operadores heterocategoriais. Seriam, por conseguinte, os mais achegados ao polo [+ derivacional]. A partir desse protótipo, central e mais representativo da classe dos prefixos, irradiam-se classes de formantes prefixais mais ou menos periféricos, com uma ou mais características diferentes da classe nuclear prototípica: (i) os prefixos expletivos, (ii) os prefixos opacos, (iii) os prefixos transcategorizadores (ou heterocategoriais), (iv) os prefixos com comportamento de bases lexicais, (v) os prefixoides e (vi) os pseudoprefixos.

Coadunando-se ao pensamento de Pena (1995, p.171), admite-se aqui que “[...] una lengua natural es un sistema en parte formal y funcional y en parte también un sistema resultado de estados anteriores de lengua.”, o que imperiosamente leva a considerar os componentes lexical e morfológico de um idioma como instâncias de manifestação de sua história e de sua evolução, conduzindo à realização de uma leitura muito mais histórico-diacrônica do que sincrônica, haja vista se tratar “[...] de uma leitura acumulada de um mundo que não surgiu agora.” (GALVÃO, 2006, p.32). Adota-se essa postura não por mero sectarismo ou por uma vã inclinação teórico-metodológica, mas por considerá-la a mais adequada para o tratamento da morfologia lexical nas línguas românicas peninsulares, sobretudo por se constatar que uma análise exclusivamente sincrônica apresenta para esse fim numerosas dificuldades, sobretudo na análise e classificação dos elementos formativos das palavras complexas (SANDMANN, 1991). Assim, apresenta-se neste projeto uma total aquiescência com o que é assinalado por Santana Suárez et al. (2004, p.09), ao afirmarem que:

⁷Não é supérfluo salientar que é a recorrência em posição esperada na cadeia combinatória da estrutura interna (i.e., morfológica) do vocábulo, bem como sua relação com os demais morfemas que formam famílias de palavras, que acabam por caracterizar um formante morfológico e, portanto, um prefixo. É por essa razão que se considera, nessa perspectiva, o *a-* tido como protético, o *a(l)-* árabe ou as demais partículas expletivas que se agregam à margem esquerda do vocábulo como itens verdadeiramente prefixais.

Las palabras están plenamente ligadas a una historia, tanto en el aspecto morfológico como en el semántico, que determina generalmente su lexicografía y su semántica actuales, por lo que se hace laboriosa su catalogación sin tener en cuenta sus referencias etimológicas. Algunas palabras, ya obsoletas o bien pertenecientes a lenguas madres como el latín o griego, soportan información relevante del proceso histórico-morfológico sobre una secuencia generacional de vocablos, que completa las conexiones o interferencias entre los distintos sistemas de formación del léxico actual.

Almeja-se, portanto, chegar-se à morfologia do português, do galego e do espanhol medievais, tendo desde o princípio a convicção de que, tal como preconizou Mattos e Silva (2008a, p.13), toda proposta de estudo de fatos de língua de períodos historicamente remotos constituir-se-á sempre uma aproximação à verdadeira realidade da língua⁸. Todo o conhecimento de estágios de línguas temporalmente longínquos será sempre parcial e fragmentário, pela própria natureza das fontes testemunhais disponíveis. Por isso considera-se esse plano de trabalho como uma rota (de várias possíveis) para o estudo das línguas supramencionadas, uma espécie de escavação arqueológica sobre o terreno do idioma, em busca de *fósseis linguísticos* que possam elucidar algo do complexo mosaico da morfologia histórica românica, uma disciplina implexa, para a qual o estudioso necessita possuir destreza, dispor de um saber organizado e ter um conhecimento considerável de história das línguas, de fonética histórica e de fonética e morfologia latinas (PENA, 2009).

⁸Tem-se consciência aqui de que a objetividade absoluta é um mito, nunca sendo perfeita ou total (MUCHEMBLED, 2001), já que toda e qualquer pesquisa dita científica se vê entrelaçada — em menor ou maior grau — nas malhas da subjetividade. À *realidade* propriamente dita não se chegaria, pois se trata de ciência, portanto de constructos teóricos, situados em um tempo e em um espaço, além de serem ideologicamente marcados. Assim sendo, caminha-se no estudo do português medieval (tal como seria em qualquer incursão científica) tal como se se observasse a língua e os seus utentes a partir de “[...] frinchas nas muralhas da ilusão, através das quais penetram feixes de luz vindos de um mundo de verdades que não podemos alcançar por nossos próprios esforços.” (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2000, p.73). É, portanto, verossímil a percepção de que o passado só pode ser concebido como *é* verdadeiramente, e não como *foi* (WALLERSTEIN, 1989 apud FERNÁNDEZ-ARMESTO, 1999), o que se liga inevitavelmente à constatação de que “Assim como o espaço e o tempo se contraem ou se expandem segundo a velocidade do observador, a verdade histórica parece assumir diferentes formas e disfarces, de acordo com o ângulo de abordagem.” (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 1999, p.31).

2 PROBLEMA E HIPÓTESE

2.1 PROBLEMA

Como se caracterizam — formal, funcional e paradigmaticamente — as partículas afixais da margem esquerda do vocábulo nas duas sincronias arcaicas (séculos XII-XVI) das línguas portuguesa, galega e castelhana?

2.2 QUESTÕES NORTEADORAS

Eximindo-se da demarcação de hipóteses prévias, tenciona-se proceder a um estudo em nível exploratório-indutivo, balizado por quatro questões norteadoras:

- a. observa-se, de forma evidente, correspondências ou diferenciações do sistema prefixal arcaico nessas três realidades idiomáticas neolatinas?
- b. como se apresentam, nas duas primeiras sincronias pretéritas dessas três línguas românicas ibéricas, os fenômenos morfolexicais da parassíntese (*lato e stricto sensu*), da superposição prefixal, da substituição de prefixos e da alomorfia e alografia prefixais?
- c. como operam os fenômenos semânticos de expletividade, opacidade, homomorfismo, polissemia, sinmorfismo e antinomorfismo nos elementos afixais da margem esquerda do vocábulo no português, no galego e no castelhano medievais?
- d. como se estabelece a correlação histórico-linguística geral entre os usos prefixais e suas características em três momentos distintos da história dessas línguas, ou seja, o prefixo no latim ou no grego, sua forma correspondente no vernáculo arcaico e seu uso no período contemporâneo?

3 JUSTIFICATIVA

A análise e a compreensão histórica dos fatores linguísticos que identificam os atores sociais através dos tempos são importantes meios para se tentar desvendar marcas e rumos da ação humana. Dessa forma, o estudo da constituição histórica das línguas românicas em pleno século XXI por si só já corrobora sua importância, tornando-se ainda melhor justificado quando se tem como postulado constatável que a observação de traços do passado de uma língua é um instrumento profícuo para a compreensão de sua configuração no presente, tal como afirmou Mattos e Silva (2006)⁹.

É sob esse prisma que se delineia neste escrito um plano de investigação científica a respeito da prefixação, lançando um olhar reflexivo sobre a constituição e funcionamento do paradigma prefixal das línguas portuguesa, galega e castelhana entre os séculos XII e XVI, correspondendo à perspectiva de estudiosos de renome da área dos estudos morfológicos, tal como Basílio (2009, p.06), no excerto abaixo:

[...] considero bem-vinda a maior atenção que se tem dado à prefixação, já que trabalhos anteriores [...] se fixaram quase exclusivamente na sufixação, por causa da relevância gramatical da mudança de classe. É altamente positiva, ainda, a investigação de fenômenos morfológicos em análises que utilizam *corpora* considerados médios ou grandes, utilizando ferramentas computacionais. Finalmente, começam a despontar estudos morfológicos de cunho histórico.

Pautando-se na já mencionada visão científica de que a compreensão de fatos linguísticos pretéritos pode clarear o traçado dos usos da língua em estados atuais, torna-se evidente que não se deve ignorar os aspectos históricos na análise morfolexical, visto que oferecem dados valiosos para a elucidação de fenômenos linguísticos intrincados, tal como preceitua Rio-Torto (1998, p.18), assegurando que:

[...] a análise e a morfologia das palavras não pode ignorar as vicissitudes da gênese e da história destes. Assim sendo, é natural que nem todas as palavras possam caber nas malhas apertadas de uma análise meramente sincrônica.

Tenciona-se submeter à apreciação uma pesquisa de teor histórico-descritivo sobre a prefixação, lançando um olhar analítico sobre a constituição e funcionamento do paradigma

⁹Na verdade, esse postulado se aplica a todos os campos da ciência e do conhecimento humano, pois, tal como afirma Muchembled (2001, p.06), para toda e qualquer esfera do saber se faz necessário “[...] compreender cada vez melhor o passado para tentar decifrar nosso tumultuado presente.”

prefixal das línguas portuguesa, galega e castelhana em suas duas primeiras fases de expressão documental escrita remanescente. Esse estudo, ao realizar a descrição morfológica, semântica e funcional dos prefixos nos três sistemas idiomáticos mencionados — depreendidos através de dados empíricos analisados sistematicamente —, procura corresponder ao anseio de Mattos e Silva (1993, p.20), quando afirmava que: “[...] um estudo sistemático dos processos derivacionais no período arcaico espera um autor”. É, pois, com o propósito de se construir um trabalho que seja relevante para o campo das investigações morfológicas e tendo um *modus operandi* rigorosamente traçado, que se propõe tratar criteriosamente aspectos da história da prefixação nas fases primeiras da escrita em português, em galego e em castelhano.

São raros os estudos de morfologia histórica sobre a afixação na margem esquerda do vocábulo, de tal forma que o estado da questão prefixal no âmbito dos primórdios do vernáculo português, galego e castelhano ainda se encontra em um estágio incipiente, principalmente quando se pensa que até o momento não há sequer uma proposta de descrição (baseada em dados empíricos) do paradigma prefixal dessas línguas para esse período histórico e tampouco uma análise metalinguística geral que logre considerar com a devida apuração as multifacetadas características, peculiaridades e funções que perpassam esses constituintes mórficos, que se circunscrevem em um “[...] espaço de confluência e de interatividade, no qual se identificam diferentes níveis de organização e se reconhece a interação de diferentes secções e dimensões da língua.” (RIO-TORTO, 1998, p.81).

A pertinência desta proposta de investigação científica revela-se transparentemente ao se constatar que os estudos morfológicos de cunho histórico, incidentes sobre as línguas românicas da Península Ibérica, infelizmente estão fenecendo nessas últimas décadas, conforme as constatações de Jesús Pena (2009), um dos maiores morfologistas do espanhol. Se tal realidade se aplica ao estudo histórico *lato sensu*, mais ainda o é para os de natureza comparativa, associados à linguística românica, visto que, tal como assevera Sánchez Miret (2001, p.751), “El estudio ha sido eminentemente particularista y desde el punto de vista histórico y comparativo hay todavía mucho por hacer.”. Essa percepção foi corroborada por Don Ignacio Bosque¹⁰ — membro da Real Academia Española, catedrático de Filología Hispánica da Universidad Complutense de Madrid e um dos maiores estudiosos da língua espanhola na atualidade, tendo organizado, com Violeta Demonte, a mais importante e detalhada gramática descritiva da língua espanhola até o presente — quando, por ocasião do

¹⁰Aquando de uma entrevista (inédita) concedida ao autor dessas linhas em setembro/2012.

VII Congresso Brasileiro de Hispanistas, asseverou que praticamente nada mais se produz de estudos comparativos morfolexicais históricos no domínio das línguas ibero-românicas, considerando louvável qualquer iniciativa que se propusesse a preencher essa lacuna, visto se tratar de um importante e necessário estudo para a observação científica das similitudes e singularidades das línguas neolatinas ibéricas.

Esta proposta investigativa também tem seu mérito em ser um dos primeiros trabalhos de matiz histórico-comparativo a ser filiado ao Instituto de Letras da UFBA¹¹, bem como um dos únicos desenvolvidos sobre a morfologia histórica dos idiomas ibéricos no âmbito da produção linguística científica brasileira na contemporaneidade. Cabe apontar também que poderá ser o germe da criação futura de um novo grupo oficial de pesquisa, que se debruçará sobre os sistemas intralinguísticos românico-ibéricos em uma vertente descritiva-comparativa de teor histórico-diacrônico.

¹¹Conforme foi constatado pelo autor dessas linhas após catalogar, juntamente com a Prof^ª. Dr^ª. Tânia Conceição Freire Lobo, em dezembro de 2012, todas as teses e dissertações defendidas no âmbito do PPGLL e do PPGLinC, recobrando os anos de 1979 a 2012, ou seja, desde a defesa da primeira tese e dissertação do mais antigo programa de pós-graduação filiado ao Instituto de Letras da UFBA.

4 OBJETIVOS

Almeja-se constituir, por meio de um *corpus* documental representativo das duas sincronias do português, do galego e do castelhano arcaicos, uma esquematização descritivo-interpretativa sobre a configuração e o funcionamento das operações prefixais nesses três sistemas românicos peninsulares, debruçando-se sobre a documentação remanescente escrita nesses códigos linguísticos entre os séculos XII e XVI.

Visando a alcançar a consecução do objetivo geral deste estudo, pretende-se:

- a. inventariar, através de um *corpus* representativo dos sistemas intralinguísticos arcaicos do português, do galego e do castelhano os prefixos e a gama de lexias formadas por tais partículas, descrevendo os paradigmas prefixais dessas três línguas históricas;
- b. perscrutar as correspondências e diferenciações entre os sistemas prefixais arcaicos do português, do galego e do castelhano.
- c. caracterizar os prefixos coletados sob os fenômenos da produtividade, da vitalidade, da alomorfia, da alografia e da apreciação etimológica;
- d. descrever analiticamente os aspectos morfolexicais e semânticos que marcam a prefixação portuguesa, galega e castelhana no período recortado;
- e. delinear, quando se fizer possível, a correlação histórico-linguística entre os usos prefixais e suas características em três momentos distintos da história do vernáculo: o prefixo no latim ou no grego, sua forma correspondente encontrada no português, no galego e no castelhano arcaicos e seu uso no período hodierno nesses três idiomas.

5 LASTRO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICO

A pesquisa ora esboçada encaixa-se numa perspectiva histórico-descritiva, associada a teorias lexicológicas e morfossemânticas que possam contribuir para uma compreensão sistemática da prefixação no período estudado, através da incidência sobre os dados empíricos recolhidos. Assim sendo, essa incursão científica formata-se como um eixo de intersecção entre descrição e análise linguísticas na abordagem de relações semântico-morfológicas da derivação no português, no castelhano e no galego arcaicos, agregando “[...] as informações de natureza histórica numa análise sistêmica e sincrônica dos processos morfolexicais.” (SOLEDADE, 2004, p.55).

O lastro teórico que permeia a elaboração desta pesquisa, imbricando-se numa conjectura de associação entre descritividade e reflexão teórica para se depreender a caracterização mórfica, a produtividade, a vitalidade e as relações de sentido surgidas dos prefixos, terá uma natureza heterogênea, no sentido dado por Mattos e Silva (2008a, p.28-29), de que “[...] para a interpretação de factos linguísticos do passado e em um estudo geral sobre o português arcaico, devem-se conjugar teorias e métodos conviventes na linguística contemporânea, a depender do facto sob análise e da bibliografia disponível a ele referente”. O postulado de Mattos e Silva (2008a) legitima, assim, a necessidade de se recorrer a vários domínios de estudo da linguagem a fim de se poder ter em mãos ferramentas de observação e análise linguísticas que possibilitem uma apuração minuciosa, cuidada e científica da prefixação, sob uma perspectiva histórico-comparativa.

Apontar que se adota uma base descritiva para o estudo da morfologia de línguas românicas ibéricas no período arcaico equivale a afirmar que se busca desenvolver um trabalho de natureza interpretativa, incidente sobre a base empírica adotada e fundamentada por teorizações linguísticas, haja vista que todo intento de descrição de fatos de língua de fases primitivas de qualquer sistema linguístico de longa tradição histórica baseia-se, necessariamente, em um labor interpretativo, apenas exequível a partir dos materiais linguísticos registrados nos textos escritos disponíveis, “[...] cabendo ao linguista histórico a tarefa de selecção, organização e interpretação dos dados ao seu dispor [...]” (MAIA, 2002, p.233). Em outras palavras, adotando o termo exposto por Mattos e Silva (1998, p.24), cabe circunscrever essa proposta de estudo ao âmbito de um descritivismo interpretativo, o que exige não apenas o arrolamento de traços característicos do objeto descrito, mas, igualmente,

a identificação de sua constituição, funcionamento e das relações que estabelece (BORBA, 1991).

Em geral, a literatura linguística referente aos estudos de morfologia, tem acatado a dicotomia diacronia/sincronia¹², com a eleição da perspectiva sincrônica como a mais adequada e efetiva para a descrição e análise do nível morfológico da língua. Assim, tal como pontua Soledade (2004), se se passa em revista alguns dos mais emblemáticos expoentes da teorização sobre a formação de palavras, como Spencer (1991), Corbin (1987), Sciullo & Williams (1987), Bybee (1985), Aronoff (1984), Basílio (1980), Halle (1973), constatar-se-á a generalizada e dominante adoção de um paradigma sincronicista-contemporaneista, quando não até mesmo anti-histórico da geração lexical, da formação de palavras. Observando o arco temporal que recobre as últimas décadas, é possível notar apenas uma tímida produção científica a respeito da formação de palavras em português sob o ponto de vista exclusiva ou predominantemente histórico, principalmente com os estudos gerais ou específicos — um tanto quanto isolados — de Lopes (2013), Viaro (2012a, 2012b, 2010, 2009), Santos (2009), Campos (2004), Soledade (2004) e Rio-Torto (1998).

Obviamente, a língua que é utilizada como veículo de comunicação e de cultura não surgiu *hic et nunc*, aqui e agora. Pelo contrário. Ela é fortemente subsidiada pelo material linguístico herdado de fases pretéritas de sua existência, sem o qual seria impossível qualquer intento de comunicação entre indivíduos de gerações distintas ou mesmo a aquisição da linguagem sob a forma de língua materna ou segunda língua. Assim, impraticável se torna desconsiderar a evidente associação entre língua e história, entre sistema linguístico e percurso diacrônico. Para um estudo aprofundado sobre a morfologia (flexional ou derivacional) das línguas românicas faz-se ainda mais necessário um recurso ao lastro diacrônico, às camadas históricas sedimentares de estágios pretéritos das realidades idiomáticas, que funcionam como alicerce genolexical para a constituição e configuração de sua atualização hodierna. O nível morfológico atrela-se visceralmente à história da língua,

¹²Antinomia essa muitas vezes não somente acatada, mas, muito mais do que isso, proposta imperiosamente por alguns estudiosos como *conditio sine qua non* para a efetivação de uma descrição ou análise linguísticas acuradas. Basta-se observar o que postula Freitas (1997, p.09): “Os fatos gramaticais devem ser descritos de acordo com a função dos elementos que compõem a estrutura de um sistema num determinado estado de língua. Torna-se, portanto, indispensável ao pesquisador adotar um método de trabalho: ou usa um critério sincrônico ou um critério diacrônico.”

sobretudo na estruturação e no funcionamento dos processos de formação de palavras, o que é ratificado por Rio-Torto (1998, p.138)¹³, quando assim discorre:

Um dos domínios em que o concurso da perspectiva histórica e da perspectiva sincrónica se revela extremamente profícuo é o da formação de palavras. É que uma análise exclusivamente sincrónica pode, ao ignorar o passado, distorcer ou falsear a verdade histórica dos factos e, subseqüentemente, do presente das unidades lexicais. O actual estatuto sincrónico destas pode mesmo ser deturpado por falta de informação histórica. Efectivamente, uma abordagem meramente sincrónica pode conduzir a incorreta análise da estrutura interna das palavras, atribuindo, por exemplo, o estatuto de produtos genolexicais a palavras que efectivamente não o têm, pese embora a sua estrutura (aparentemente) compósita, e pode ainda considerar indevidamente como construídos num dado momento produtos de fases mais recuadas.

Para a compreensão de diversos aspectos da morfologia de uma língua constata-se a necessidade compulsória de se recorrer à diacronia, pois se trata de um módulo linguístico que “[...] não raro não prescinde de explicações históricas, que evidenciam o percurso diacrónico dessa língua, feito tanto de continuidade quanto de mudanças, e que em larga medida ajudam a esclarecer o presente.” (RIO-TORTO, 1998, p.137).

Além desta investigação apoiar-se em uma base estruturalista — para a segmentação mórfica das partículas prefixais — e nas premissas analíticas da morfologia histórica (RIO-TORTO, 1998; VIARO, 2010; 2009; MARTÍN GARCÍA & VARELA ORTEGA, 2012), buscar-se-á aplicar à análise dos dados do português, do galego e do castelhano arcaicos os pressupostos teóricos da morfologia construcional (BOOIJ, 2005; 2007; 2010; GONÇALVES & ALMEIDA, 2013), a mais recente das teorias morfológicas, de natureza cognitivista, que se baseia na compreensão das operações morfológicas atuantes em palavras complexas como *esquemas*, ou seja, construções representativas de generalizações sobre conjuntos de palavras existentes, permitindo, por analogia, a criação e a recepção de novos itens lexicais. Tais *esquemas* seriam, portanto, padrões gerais formulados a partir de unidades de forma-significado-função (*form-meaning-function*), constituindo relações paradigmáticas que, através de características comuns, permitem a abstração de fórmulas capazes de atuar em várias instanciações específicas, podendo ser usados produtivamente. Sob essa perspectiva,

¹³E também por Pena (2009, p.16), pois assegura que “La dimensión histórica de las lenguas naturales es muy perceptible en el campo de la formación de palabras. Ignorar este hecho al estudiar la morfología léxica supone una carencia enorme que acarrea descripciones incompletas, cuando no deformaciones en la visión de los hechos morfológicos. Dicho con toda claridad, para investigar al menos con cierto grado de profundidad el dominio de la formación de palabras de una lengua románica como el español, es necesario [...] tener buenos conocimientos de la historia de la lengua, de su gramática histórica, así como unos buenos conocimientos de latín.”

entende-se o léxico não mais apenas como uma lista de palavras e expressões convencionalizadas, fixas e armazenadas na memória do falante, mas, sobretudo, como um componente fundamental da própria construção gramatical das línguas.

Segundo preconiza o paradigma da morfologia construcional, os *esquemas*, por um lado, motivam a existência de um conjunto relevante de palavras complexas e, por outro, preveem como este conjunto pode ser estendido. A função motivadora de tais *esquemas* tem o efeito de reduzir o grau de arbitrariedade das relações forma-significado no léxico. Assim sendo, as redes esquemáticas também estruturam o componente lexical de uma língua. Por exemplo, o esquema para o português dos substantivos agentivos em *-eir-* define uma família de palavras que compartilham propriedades comuns, e, por conseguinte, fornece uma estrutura parcial ao léxico da língua.

Ao lado dos fundamentos da morfologia construcional e da morfologia histórica, outro ramo da linguística que indubitavelmente servirá de lastro teórico-epistemológico para a análise das partículas e das operações prefixais nos três sistemas linguísticos examinados será a gramática histórico-comparativa românica (ou linguística comparativa românica), entendida como a análise histórico-genético-tipológica das línguas advindas do latim, a partir da comparação das estruturas de dois ou mais sistemas idiomáticos, com propósitos descritivos, o que permite a reconstrução parcial de alguns estágios linguísticos pretéritos, bem como a explicitação dos nexos entre os idiomas imersos em uma mesma família linguística, no caso, a românica (VENDRYES, 1958; IORDAN, 1973; POSNER, 1998; MUNTEANU COLÁN, 2005; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA & ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2009). Dada a proximidade genético-tipológico-histórica entre as três línguas que se deseja focar — que são, entre as novilatinas, as que maior afinidade entre si apresentam (MEIER, 1974; POSNER, 1998; MARRONE, 2005; FURLAN, 2006; ARIZA, 2008) — e tendo o escopo de realizar um cotejo geral entre os processos e esquemas prefixais que nelas atuam, crê-se, com Basseto (2005), Posner (1998) e Ridruejo Alonso (1989), que o método histórico-comparativo, devidamente usado, permanece sendo profícuo, sobretudo para o conhecimento do léxico e da morfologia das línguas românicas, permitindo rastrear as confluências e singularidades que delas emergem.

6 METODOLOGIA

Tal como preconiza Martin (2003), pelo fato de o linguista focar como objeto de estudo algo que preexiste à sua investigação, isto é, a língua, esta se presta, mormente, a um tratamento empírico, sendo a primeira tarefa do estudioso observá-la e descrevê-la. Nas palavras de Maia (2012, p.537), “[...] as pesquisas linguísticas de base empírica, quer em matéria de ‘oralidade’ como de ‘escripturalidade’ têm que se apoiar necessariamente em *corpora*.”. Se isso é aplicável e válido para as línguas em sua feição hodierna, mais ainda o é para estados idiomáticos pretéritos, cujos únicos objetos apreensíveis e observáveis são as ocorrências que emergem dos textos escritos que subsistiram às vicissitudes temporais, sendo as únicas informações que encerram valor testemunhal da língua outrora utilizada.

Fatos de língua de estágios pretéritos, cuidadosamente coletados e descritos, conduzem a análises acuradas, que fazem emergir teorizações e generalizações, que, se não reproduzem fielmente o sistema linguístico do período estudado, aproximam-se, de forma significativa, da realidade a que se pretende descrever. Pensa-se, com Mattos e Silva (2010 [1989]; 2008a; 2008b; 2006; 2005), Maia (2012; 2009; 2002), Viaro (2012a; 2009), Castilho (2012)¹⁴ e Nascimento (2003), que essa é a rota adequada, a fim de que não se tenha que descartar ou marginalizar dados importantes ou propor explicações *ad hoc* simplesmente por causa de princípios teóricos adotados aprioristicamente¹⁵. Sob esse ângulo, o linguista deve promover uma apreciação teórica, mas somente após observar a empiria, teorizando a partir dos dados empiricamente descritos, ou seja, adunando-se a uma postura científica assumidamente indutiva, partindo da descrição para a análise, da empiria para as teorizações. Essa é a rota metodológica que se pretende adotar no estudo a ser desenvolvido, que impele necessariamente a analisar os dados coletados “[...] sem ‘preconceitos’ ou hipóteses teóricas muito sofisticadas *a priori*, para formular, *a posteriori*, os caminhos teóricos baseados numa leitura e interpretação atentas da ‘dimensão real’ da língua [...]” (ANDRADE, 2003, p.107).

Conforme postula Mattos e Silva (2008a), apenas se pode estabelecer uma aproximação a estágios arcaicos de línguas históricas através da documentação remanente

¹⁴Tal como expôs em sua conferência intitulada *A USP e a linguística histórica no Brasil*, realizada em 09/02/2012, no II Congresso Internacional de Linguística Histórica.

¹⁵Como afirma Perini (2006), a grande vantagem do uso de *corpora* para estudos linguísticos reside em sua imparcialidade, pois reflete a “realidade” sem preconceitos teóricos, neutralizando de certa forma — ao menos em parte — os desejos e pressupostos apriorísticos do pesquisador. Comungando da perspectiva adotada por este linguista, vê-se certa desvantagem no uso de uma perspectiva puramente dedutiva para o estudo da língua, já que “A introspecção [...] pode nos levar a conclusões bastante fora da realidade, porque não se baseia em observações objetivas.” (PERINI, 2006, p.39).

desse período e de teorias e análises próprias à linguística histórica. Essa mesma orientação se reflete na linha de atuação de todos os projetos do PROHPOR, a que esta pesquisa também se vincula, de tal forma que a ligação aos dados empíricos (ou seja, a *corpora* datados e editados com rigor filológico) pode ser apontada como a divisa por excelência desse grupo de pesquisa, perpassando toda a orientação epistemológico-metodológica de suas linhas de investigação. Associando-se inextricavelmente à linha condutora de Prof^a. Rosa Virgínia Mattos e Silva (*in memoriam*), reconhece-se aqui o valor heurístico dos dados e, por essa razão, adota-se a empiria como ponto de partida para estudar a formação de palavras nos romances ibéricos, considerando essa opção metodológica a mais condizente a um estudo científico que visa a se imiscuir pelos primórdios de línguas históricas como veículo de comunicação escrita, de tal forma que há uma plena comunhão com o juízo de Maia (2002, p.239), presente no excerto abaixo reproduzido:

[...] as investigações de caráter histórico-linguístico devem apoiar-se em materiais de base empírica procedentes da exploração de textos escritos do passado. Constitui um princípio metodológico fundamental que o estudo de qualquer fenômeno evolutivo da língua deve fundamentar-se numa consistente base textual. É imprescindível que qualquer estudo sobre cada fenômeno particular da mudança linguística ocorrida em tempos pretéritos tenha suporte textual.

Ao se debruçar sobre uma sincronia pretérita remota, na delimitação de um *corpus* que se almeja investigar, só é viável ao pesquisador incidir no espólio fragmentário do material que subsiste documentado, via escrita. E, selecionando seus dados de interesse em tal documentação remanescente, ele “[...] recortará os dados que julgue necessários e suficientes para responder a suas questões.” (MATTOS E SILVA, 1991, p.29). Já que se pretende descrever o quadro morfológico de um período bastante extenso de três línguas históricas — correspondente a cinco séculos de registro escrito — não se poderia almejar abranger toda a documentação remanente do período arcaico, mas sim, procurar constituir aquilo que se denomina de um *corpus* representativo.

Pode-se caracterizar o *corpus* que será utilizado como escrito, histórico, representativo (via amostragem), com pluralidade autoral, de natureza multidialetal e textualmente multigenérico, compilado para ser descrito e analisado, servindo de base para a descrição das línguas portuguesa, galega e castelhana no arco temporal que recobre os séculos XII a XVI, tendo o escopo fundamental de focar a morfologia e o léxico em seu “*habitat* natural”, *id est*, no meio linguístico e nas situações reais em que ocorrem. Para Andrade (2003, p.106), as

vantagens advindas da utilização de *corpora* como instrumental metodológico para a obtenção de dados atestados da língua *in vivo* ligam-se essencialmente:

[...] ao fato de podermos aceder a um conjunto de dados reais e ricos no sentido em que se o *corpus* for extenso e variado aparecerão, de forma clara, as unidades de comunicação mais utilizadas e as menos utilizadas, assim como os seus padrões semânticos, as associações que estabelecem entre si (combinatórias fixas ou privilegiadas), as variações de cada unidade ou pelo menos das mais frequentes, entre outros.

A meta ansiada é perquirir as edições filologicamente confiáveis — já localizadas — de 119 documentos galego-portugueses (datados entre 1192-1384), 92 documentos escritos em português (adscritos aos anos de 1385 a 1540)¹⁶, 55 documentos galegos¹⁷ (escritos entre 1385 e 1537) e 139 documentos em castelhano¹⁸ (fins do século XII até 1499), totalizando 405 textos. Da fase galego-portuguesa, 92 textos já foram perscrutados no estudo de mestrado desenvolvido por Lopes (2013), sendo que aos dados deles coletados agregar-se-á os que faltam, observando a mesma metodologia que foi adotada: no tocante à prosa, tendo-se o intuito de desenvolver um trabalho metodológica e cientificamente viável num período de quatro anos¹⁹, serão selecionadas aproximadamente 15 páginas de cada texto, a partir de seu início, sendo que os documentos com extensão inferior a esse número de laudas serão integralmente analisados. Já no que concerne à poesia, serão analisadas 30 páginas das edições selecionadas, e adota-se esse número dessemelhante para tentar manter um equilíbrio quantitativo no cômputo de apuração de cada uma das categorias documentais, visto que a mancha escrita dos textos poéticos — pela sua própria distribuição em versos — geralmente ocupa a metade ou menos do espaço que seria ocupado pelos textos em prosa.

¹⁶Esse material representativo das duas sincronias do português arcaico (a da unidade galego-portuguesa e a da posterior diferenciação entre o galego e o português, a partir de fins do séc. XIV) constitui tudo o que está disponível em três instâncias a que se tem livre acesso para a consecução dessa pesquisa: a) o acervo do PROHPOR; b) a Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa (biblioteca central da UFBA); c) o *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM), este último disponibilizado em meio digital.

¹⁷Extraídos do *Tesouro Informatizado da Língua Galega* (TMILG), *corpus* documental administrado pelo Instituto da Língua Galega (ILG) / Universidade de Santiago de Compostela (USC) e disponibilizado *on-line* no sítio <http://ilg.usc.es/tmilg>.

¹⁸Extraídos da *crematia* arcaica constituída por Alemany Bolufer (1921), mas, sobretudo, a partir das edições disponíveis na *Biblioteca Digital de Textos del Español Antiguo*, dirigida por Lloyd A. Kasten y John J. Nitti, ambos da University of Wisconsin-Madison. Essa biblioteca documental virtual engloba três grandes *corpora* medievais castelhanos (obras alfonsinas, médicas e jurídicas), disponibilizados *on-line* no sítio <http://www.hispanicseminary.org/textconc-es.htm>.

¹⁹Contando com mais dois anos para o aprofundamento e ramificações atinentes à pesquisa realizada, com a participação de bolsistas de IC e com a publicação e divulgação de todas as reflexões e de todos os resultados obtidos.

Através das obras selecionadas, obtido o arcabouço lexical para análise, far-se-á a recolha, o mais abrangente possível, de palavras formadas por prefixação, sob uma metodologia de natureza estruturalista, sendo realizada a análise formal dos constituintes morfolexicais, com a segmentação dos morfemes segundo o princípio da comutação. Todas as formas que apresentem morfemas prefixais serão selecionadas e passarão a constituir a base de dados para análise. Esse levantamento lexical no conjunto de documentos editados processar-se-á através de uma leitura *verbo ad verbum*, rastreando-se os prefixos um a um.

É consabido que qualquer procedimento metodológico acarreta implicações operacionais e epistemológicas. Nesse caso específico, a escolha por um levantamento lexical *verbo ad verbum* trará diversas vantagens — como a captação de todas as variantes gráficas e alomórficas, a percepção da alternância de lexemas sinónimos com e sem prefixo no período arcaico e a possibilidade de observação de outros fenómenos linguísticos de interesse do pesquisador²⁰, que futuramente poderão subsidiar novas pesquisas —, mas também a desvantagem de ter-se que dedicar um tempo extenso para o levantamento dos dados. Vê-se, portanto, que se faz necessária a criação de um *Corpus diacrónico informatizado de morfemas das línguas românicas ibéricas*. Utilizando os *corpora* informatizados já existentes, inserir-se-iam neles ferramentas específicas para a depreensão de morfemas, criando um banco de dados específicos para os estudos morfológicos.

Feita a recolha de dados no *corpus*, passar-se-á ao estágio de pesquisa etimológica dos prefixos, das bases a que se ligam e dos seus produtos, através de dicionários etimológicos das línguas portuguesa, galega e espanhola, de glossários em edições de textos antigos, além de dicionários de latim e grego. Os itens lexicais coletados serão inseridos em tabelas, em que também serão registrados o prefixo segmentado da lexia, a classe-alvo do prefixo e seu matiz semântico, a classe morfosintática da base lexical, o sentido²¹ e o étimo²² da lexia, a

²⁰Como, e.g., o funcionamento do pronome relativo possessivo *cujo / cuxo / cuyo* nessas fases recuadas do português, do galego e do castelhano; os usos e a teia polissémica do verbo *meter* no período arcaico; a sinónmia lexical nessas sincronias pretéritas; a gramaticalização de unidades lexicais ou de lexias complexas nesses três sistemas linguísticos etc.

²¹É perceptível o emaranhado terminológico que envolve os escorregadios e proteiformes conceitos básicos da semântica (ROTH, 1998), de tal forma que “*Significado, sentido, significação* recebem interpretações diferentes, que variam segundo as correntes de pensamento, a época, a teoria, os autores em que ocorrem, as finalidades ou a área de conhecimento em que são empregados.” (MARQUES, 1996). Por isso, é necessário esclarecer que, para essa proposta de estudo, o *sentido* é o *significado* apreensível no interior de dado contexto discursivo-textual, possuindo um valor mais concreto e mais preciso do que a *significação*, que é mais abstrata e mais difusa. Já por *significado* do lexema adota-se a conceptualização proposta por Viano (2012a, p.281): “[...] estamos entendendo por *significado* de uma palavra o conjunto de relações — associadas a uma referência qualquer ou a uma imagem mental e depreensíveis em contextos de uso distintos — que um mesmo conjunto de realizações sonoras (ou visuais), numa sequência inalterável (ou seja, o *significante* dessa mesma palavra), pode representar.”. Entende-se, com Ponte (2007, p.66), que os *sentidos* de uma forma linguística “[...] emergem a

averbação e as referências sobre o manuscrito em que foram depreendidas as palavras analisadas.

Após as etapas aludidas, seguir-se-á a apreciação reflexiva sobre a configuração fônica e grafemática dos prefixos encontrados, além de seu comportamento formal e semântico-funcional (tecendo relações também aos usos e funcionamentos hodiernos), buscando identificar casos sistemáticos, ou não, de homomorfismo, polissemia, sinmorfismo e antinomorfismo nos três sistemas linguísticos ibéricos enfocados. E, destarte, corresponder-se-á ao escopo pretendido: o rastreamento sistêmico dos paradigmas operacionais da prefixação nos cinco primeiros séculos de registro escrito das línguas portuguesa, galega e castelhana.

partir do entrecruzamento do texto com o processamento que o leitor faz [...]”. Para depreender os sentidos emergentes de itens lexicais e afixais de estágios pretéritos longínquos de uma dada língua, pensa-se aqui que essa seja a única forma válida possível, já que, obviamente, não se pode ter acesso ao conhecimento como falante dessa sincronia pretérita.

²²Entende-se por *étimo* nesta proposta a forma sígnica consabida como temporalmente mais recuada de um vocábulo. Em outras palavras, sua *origem remota* atestada cientificamente, i.e., seu *terminus a quo*. Pensa-se, portanto, que *étimo* e *origem* da palavra são uma só coisa, o que leva a discordar, quanto a isso, da visão de Viaro (2011, p.99), para quem o étimo de um vocábulo é “[...] a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer.”

REFERÊNCIAS

- ALEMANY BOLUFER, José. *Estudio elemental de gramática histórica de la lengua castellana*. 5.ed. Madrid: s.n., 1921.
- ANDRADE, Ana Rebello de. Os corpora linguísticos: uma nova forma de “fazer lexicografia”? In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 18., 2002. Porto, *Actas...* Lisboa: APL, 2003. p.103-110.
- ARIZA, Manuel. Las famosas áreas léxicas de la Romania. In: _____. *Insulte usted sabiendo lo que dice y otros estudios sobre el léxico*. Madrid: Arco/Libros, 2008. p.165-177.
- ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: Mit Press, 1984.
- BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. Morfologia: uma entrevista com Margarida Basílio. *ReVEL*. Vol. 7, n. 12, p. 01-08, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 30 jun. 2010.
- _____. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BOOIJ, Geert. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- _____. Construction morphology and the léxicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (Org.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes: morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla, 2007. p.34-44.
- _____. Compounding and derivation: evidence for construction morphology. In: DRESSLER, W. et al. (Org.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2005. p.109-131.
- BORBA, Francisco da Silva. Lexicografia e descrição da língua. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 5., 1990. Recife, *Anais...* Porto Alegre: ANPOLL, 1991. p.81-86.
- BYBEE, Johan L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- CALVET, Louis-Jean. *Historias de palabras: etimologías europeas*. Trad. de Soledad García Mouton. Madrid: Gredos, 1996.
- CAMPOS, Lucas Santos. *A negação prefixal na história da língua portuguesa*. 2004. 360 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- CORBIN, Danielle. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Villeneuve d’Ascq: Presses Universitaires de Lille, 1987.
- FREITAS, Horácio Rolim. *Princípios de morfologia: visão sincrônica*. 4.ed. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2006.

GALVÃO, José Raimundo. Alomorfias latinas no léxico português. In: PG LETRAS: 30 ANOS, 1., Recife. *Anais...* Recife: PPGL, 2006. p.28-38.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio; ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*, v. 56, n. 3, 2013.

HALLE, Morris. Prolegomena to a theory of word-formation. *Linguistic Inquiry*, v.04, n.01, p.03-16, 1973.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Verdade: uma história*. Trad. de Beatriz Vieira. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Milênio: uma história de nossos últimos mil anos*. Trad. de Antonio Machado. Rio de Janeiro: Record, 1999.

IORDAN, Iorgu. *Introdução à linguística românica*. Trad. de Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1973.

LOPES, Mailson dos Santos. *A prefixação na primeira fase do português arcaico: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII e XIV*. 2013. 2 v. 943 p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MAIA, Clarinda de Azevedo. Linguística histórica e filologia. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p.533-542.

_____. Linguística histórica e filologia. In: ROSAE – CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, 1., 2009. Salvador, *Programa – Resumos...* Salvador: UFBA/UEFS/UESB, 2009. p.240-241.

_____. Dos textos escritos à história da língua. In: HEAD, Brian F. et al. (Org.). *História da língua e história da gramática*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2002. p.231-249.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MARTÍN GARCÍA, Josefa; VARELA, Soledad. La relevancia de la diacronía para la teoría morfológica. In: CAMPO SOUTO, Mar et al. (Eds.). *Assí como es de suso dicho: estudios de morfología y léxico en homenaje a Jesús Pena*. San Millán de la Cogolla: Cilengua, 2012. p.323-336.

MARRONE, Célia Siqueira de. *Português / Espanhol: aspectos comparativos*. 2.ed. rev. e ampl. Campinas: Pontes, 2005.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. _____. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2010 [1989].

_____. *O português arcaico: uma aproximação*. Lisboa: IN-CM, 2008a. Vol.1.

_____. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008b.

_____. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. O renovado impulso nos estudos históricos do português: temas e problemas. *A cor das letras*, n.02, p.15-28, 1998.

_____. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

_____. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto; Bahia: EDUFBA, 1991.

MEIER, Harri. *Ensaio de filologia românica*. Trad. de Evanildo Bechara. 3.ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do diabo: séculos XII-XX*. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

MUNTEANU COLÁN, Dan. *Breve historia de la lingüística románica*. Madrid: Arco Libros, 2005.

NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do. O lugar do corpus na investigação linguística. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 18., 2002. Porto, *Actas...* Lisboa: APL, 2003. p.601-605.

PENA, Jesús. La morfología léxica ante los retos del siglo XXI. *Cuadernos del Instituto Historia de la Lengua*, n.02, p.11-18, 2009. [Entrevista concedida a Mar Campos Souto].

_____. Formación de palabras, gramática y diccionario. *Revista de Lexicografía*, v.01, p.163-181, 1995.

PERINI, Mário Alberto. *Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

PONTE, José Camelo. *Leitura: identidade e inserção social — biopsicoética e educação*. São Paulo: Paulus, 2007.

POSNER, Rebecca. *Las lenguas romances*. Trad. de Silvia Iglesias. Madrid: Cátedra, 1998.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Libros, 2009. Vol.1.

RIDRUEJO ALONSO, Emilio. *Las estructuras gramaticales desde el punto de vista histórico*. Madrid: Síntesis, 1989.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto, 1998.

ROTH, Wolfgang. A semântica histórica: um campo abandonado da lingüística? *Filologia e lingüística portuguesa*, n.02, p.61-79, 1998.

SÁNCHEZ MIRET, Fernando. Lexicología y semântica históricas. In: _____. *Proyecto de gramática histórica y comparada de las lenguas romances*. Muenchen: LINCOM Europa, 2001. Vol.1. p. 749-789.

SANTANA SUÁREZ, Octavio et al. Relaciones morfoléxicas prefijales del español. *Procesamiento del lenguaje natural*, n.32, p.09-36, 2004.

SANTOS, Antonia Vieira dos. *Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, AN e NPrepN no português arcaico (sécs. XIII-XV)*. 2009. Tese (Doutorado de Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SCIULLO, Anna Maria Di; WILLIAMS, Edwin. *On the definition of word*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SOLEDADE, Juliana. *Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. 2004. 2v. 575 p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SPENCER, Andrew. *Morphological theory: an introduction to word structure in generative grammar*. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

VENDRYÈS, Joseph. *El lenguaje: introducción lingüística a la historia*. Trad. de Manuel de Montoliu & José M. Casas. México: UTEHA, 1958.

VIARO, Mário Eduardo. A produtividade dos sufixos do ponto de vista diacrônico. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012a. p.275-292.

_____. Linguística de comunicação e linguística descritiva: os eixos sincrônico e diacrônico nos atuais modelos de morfologia. *Estudos lingüísticos*, v.41, n.01, p.277-290, jan./abr. 2012b.

_____. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Sobre a inclusão do elemento diacrônico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. *Estudos de lingüística galega*, n.02, p.173-190, 2010.

_____. Buscando um novo método para seleção e interpretação de dados em morfologia histórica. In: ALVES, Ieda Maria et al. (Org.). *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. p.39-61.